

Rússia: Economia Emergente ou Reemergente?

Ana Lúcia Luís¹
[analuis@isg.pt]

Resumo

O objetivo do presente trabalho é problematizar o papel da Rússia enquanto economia emergente. É nossa opinião que a Rússia não é uma economia emergente, no sentido tradicional do conceito, normalmente associado aos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), mas antes uma economia reemergente. Existem vários elementos de dissociação da visão tradicional que se tem dos países emergentes, elementos esses que colocam a Rússia numa posição de reemergência não só de poder económico como também político. Abordar-se-á o conceito numa perspetiva ampla, analisando não só elementos exclusivamente económicos mas também políticos e inclusive militares.

Apesar de todo o poder estratégico russo, a perda de influência global e uma economia a braços com vários problemas, tornam difícil a classificação da Rússia como uma potência emergente semelhante à China ou à Índia. Ao contrário das restantes economias emergentes, a Rússia não evidencia um crescimento demográfico capaz de sustentar as suas ambições económicas e políticas. Também os valores de crescimento do PIB se encontram muito longe do esperado numa economia emergente.

Se a Rússia é considerada uma potência reemergente, deve-o em grande parte à vantagem energética que lhe permite ter uma influência regional decisiva e é um dos instrumentos de poder económico e político sobre toda a Europa.

Nos últimos anos, a Rússia parece ter sentido a necessidade de procurar novos aliados, para poder conquistar novamente o seu espaço no mercado internacional. Os russos fortaleceram as relações com os BRICS e em particular com a China, numa tentativa de se tornarem não apenas potências regionais, mas verdadeiras potências globais.

Palavras Chave: Rússia, emergente, reemergente, crescimento, BRICS, petróleo, gás natural.

Abstract

The purpose of this paper is to problematize the role of Russia as an emerging or re-emerging economy. It is our opinion that Russia is not an emerging economy, as the concept is traditionally understood, usually associated to the BRICS (Brazil, Russia, India, China and South Africa), but rather a re-emerging economy. There are several elements of dissociation from the traditional image that one has of emerging markets. Those elements put Russia in a position of reemergence, not only of economic power, but also of

1 Doutoranda em Estudos de Desenvolvimento no ISEG e docente no ISG.

political power. The concept will be approached in a broad perspective, including not only economic factors, but also political and military ones.

Despite all the strategic power, the loss of global influence and an economy facing several problems makes it difficult to classify Russia as an emerging power, similar to China or India. Opposite to others emerging markets, Russia does not experience a demographic growth able to sustain its economic and political ambitions. Also, the figures for GDP growth are very far from what we might expect from an emerging market.

If Russia is considered a reemerging market, partly is due to its energy advantage, which allows the country to have a regional influence and it is one of the best economic and political instruments of power over Europe.

Over the last years, Russia has searched for new allies, in order to be able to regain its place in international scene. Russians have strengthened relations with the BRICS, and in particular with China, in an attempt to become not only regional powers but also global powers.

Keywords: Russia, emerging, reemerging, growth, BRICS, oil, natural gas.

Introdução

O presente trabalho pretende problematizar o papel da Rússia enquanto economia emergente. Apesar da opinião generalizada, é nossa opinião que a Rússia não é uma economia emergente, no sentido tradicional do conceito e que normalmente aparece associado aos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), mas antes uma economia reemergente. São vários os elementos em rutura com a visão tradicional dos países emergentes, elementos esses que permitem perspetivar a Rússia numa posição de reemergência não só do poder económico como igualmente do poder político.

Na primeira parte do trabalho discute-se o conceito de economia emergente. É um conceito relativamente recente e tem sido utilizado de forma quase indiscriminada. Na classificação tradicional a ênfase é colocada sobretudo nas questões económicas. No caso da Federação Russa abordar-se-á o conceito numa perspetiva mais ampla, analisando não só elementos exclusivamente económicos mas também políticos e inclusive militares. Esta análise afigura-se aqui essencial dado o papel desempenhado no ordenamento internacional e a sua posição como fator de estabilidade ou instabilidade regional.

De seguida, é abordada a questão demográfica. O declínio demográfico russo é mais um elemento de contraste com a visão tradicional que se tem das economias emergentes. A dependência da economia russa em relação ao preço do petróleo é abordada de seguida. As suas imensas reservas energéticas são um dos grandes trunfos da economia russa e esta vantagem energética é um instrumento do poder económico e político sobre toda a Europa. No entanto, a excessiva dependência do preço do petróleo fragiliza a economia russa e condiciona fortemente o crescimento do PIB.

Por último, aborda-se a cooperação estratégica desenvolvida com a China, cooperação esta que vai muito para além das questões meramente económicas. Nos últimos anos a Rússia teve necessidade de procurar novos parceiros no exterior para conseguir reconquistar o seu espaço no mercado internacional. Reforçou os laços com os BRICS e em particular com a China, na tentativa de que tanto a Rússia

como a China se tornem não apenas potências regionais, mas verdadeiras potências globais.

1.0 conceito de Economia Emergente

O conceito de economia emergente é um conceito relativamente recente e tem sido utilizado de forma quase indiscriminada.

A definição de “economia emergente” não é muito exata. Surgiu nos anos oitenta, através do Banco Mundial², para descrever economias com um rendimento *per capita* baixo ou médio, e que se encontravam num processo de transição entre estados de desenvolvimento, sobretudo através de reformas nas suas políticas económicas ou nas suas instituições. Desde então, o termo tem sido utilizado de forma bastante vaga e imprecisa. Tem sido utilizado sobretudo para descrever economias asiáticas (China e Índia), economias da Europa Central e de Leste (Polónia, Turquia e Rússia) ou economias da América Latina (Brasil, México e Argentina).

Frequentemente o conceito de economia emergente é reduzido ao conjunto dos BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. O acrónimo BRICS³, utilizado originalmente para identificar economias emergentes de grandes dimensões em termos geográficos e demográficos, tem-se convertido na prática numa categoria de análise. Estes países passaram a ser considerados não apenas como “outros países em desenvolvimento”, mas como candidatos a desempenhar um papel de crescente importância no cenário mundial.

A dificuldade em definir exatamente o que é uma economia emergente tem aumentado nos últimos anos, em função da sua influência crescente na economia mundial. As economias emergentes representam já mais de 50% do PIB mundial e a sua influência tem sido determinante em alguns dos principais desenvolvimentos económicos recentes. Por exemplo, a integração das economias asiáticas emer-

2 O termo foi definido em 1981 por Antoine W. Van Agmatel, economista do Banco Mundial.

3 O acrónimo BRIC surgiu em 2001 após o anúncio do relatório do economista do Goldman Sachs, Jim O’Neill, intitulado “Building Better Global Economic BRIC”.

gentes no comércio mundial terá quase que duplicado a oferta de mão-de-obra a nível global, pressionando em baixo os salários e os preços dos bens e serviços transacionados nas economias desenvolvidas. As economias emergentes tornaram-se financiadoras de consumo e de investimento nas economias desenvolvidas, quando tradicionalmente os fluxos de capitais circulavam em sentido inverso. A prova disto é a declaração conjunta dos BRICS em 2013, no sentido da criação do BRICS Development Bank. A criação de tal estrutura, apesar de ter um efeito limitado no curto prazo será, na opinião dos especialistas, um concorrente ao Banco Mundial, já que os países em desenvolvimento terão uma alternativa para o acesso ao capital.

Algumas das chamadas economias emergentes determinam já hoje, como é o caso da China, a evolução da economia mundial como um todo. Dada a cada vez maior interdependência entre os sistemas económicos mundiais nas esferas produtiva, comercial, tecnológica e financeira, o desempenho da China tem um impacto sobre a performance das restantes economias, quer estejam no centro quer estejam na periferia do sistema económico internacional, impacto esse que não pode ser ignorado (Pinto, 2013). Enquanto o século XX foi conduzido pela ideologia económica e política dos países mais desenvolvidos, o século XXI será liderado pelos mercados das economias emergentes, nomeadamente pelas economias asiáticas.

Na classificação tradicional de “emergente” a ênfase é colocada sobretudo nas questões económicas. O Banco Mundial (2011) classifica como emergentes as economias de baixo e médio rendimento, com valores *per capita* entre os US\$ 995 e os US\$ 12195.

No presente trabalho, evitaremos uma abordagem ao conceito de país emergente estritamente económica. No caso da Federação Russa abordar-se-á o conceito numa perspetiva mais ampla, analisando elementos económicos, políticos e inclusive militares. Esta análise afigura-se essencial no caso da Rússia, dado o papel desempenhado no ordenamento internacional e a sua posição como fator de estabilidade ou instabilidade regional.

Segundo Quadros (2011), países emergentes são aqueles que possuem as seguintes características:

- São grandes economias, com taxas de crescimento económico significativas;
- Evidenciam processos de industrialização relativamente tardios, ocorridos já no século XX;
- São o destino de grandes projetos de investimento direto estrangeiro;
- Possuem recursos demográficos extensos;
- Possuem uma grande capacidade militar convencional e/ou nuclear;
- Exercem influência política e militar regional;
- Detêm um papel crescente nos fóruns internacionais.

A Rússia, como veremos de seguida, possui apenas algumas das características acima mencionadas.

Considera-se ainda que os países emergentes são aspirantes ao papel de potência ou, já o são de facto. De acordo com Raymond Aron (2002: p.124) "... o *status* de uma unidade política é determinado pelo volume dos recursos, materiais e humanos, que ela pode consagrar à ação diplomática e estratégica. As *grandes potências* de cada período são consideradas capazes de dedicar recursos consideráveis à ação externa e conseguir muitos seguidores".

Logo aqui começa a delinear-se uma clara separação entre a Federação Russa atual e as características de economias emergentes. Desta capacidade assinalada por Aron (2002) das grandes potências conseguirem cativar seguidores, pode extrair-se o conceito de *soft power*.

MacFarlane (2006) realça que muitos estados, incluindo algumas potências emergentes, procuram alcançar as suas posições no sistema internacional através do exercício de *soft power* isto é, a promoção de valores e ideias que são atrativos para outros. Nesta abordagem, é a atração pela identidade de um estado e pelos seus valores que lhe conferem influência nas relações internacionais, tanto económicas como políticas.

Para Nye Jr. (1990) o *soft power* consiste na habilidade de se conseguir o que se quer através da atração, em vez do uso da coerção. Essa habilidade deve ser trabalhada e cultivada através das relações com os aliados, o que eventualmente resultará numa maior credibilidade e em opiniões mais favoráveis.

Do ponto de vista do *soft power* exercido pela Federação Russa, esta enfrenta atualmente grandes limitações na tentativa de influenciar, com base na atratividade da sua identidade ou dos seus ideais. A sua vulnerabilidade a questões como os direitos humanos e as normas de governação impedem um uso mais alargado de *soft power*.

Como se referiu atrás, a noção de economia emergente pressupõe várias características em comum partilhadas pelos estados em questão. A própria caracterização de todos os países que compõem os BRICS como emergentes é muito discutível. Tanto a China como a Índia já dominaram a produção económica mundial, antes da ascensão do Ocidente no século XIX com a Revolução Industrial (The Economist, 2006).

2. Será a Rússia uma Economia Emergente?

Com todo o poder estratégico russo e, ao mesmo tempo, com a perda de influência global e uma economia a braços com vários problemas, é difícil classificar a Rússia como uma potência emergente semelhante à China ou à Índia. Na realidade, o conceito de potência emergente aplica-se sobretudo aos países que, durante a Guerra Fria, pertenciam ao chamado “Terceiro Mundo” e que só recentemente começaram a ter verdadeiras economias de mercado, fruto da abertura

política, económica e do crescente investimento estrangeiro. A Rússia, pelo contrário, não só não pertencia ao “Terceiro Mundo”, como já foi considerada uma das superpotências mundiais.

Relativamente ao investimento direto estrangeiro, continua bastante fechada às multinacionais ocidentais. Como afirma Jérôme Guillet (2008 : p.150): *“L’émergence de la Russie est souvent mal vue car la Russie n’est pas ouverte aux multinationales occidentales. Le pays est perçu comme un marché mais pas comme un lieu d’investissement ou de développement, ni même comme une plateforme offshore comme peuvent l’être la Chine ou l’Inde”*.

A atual Federação Russa, apesar do declínio dos anos oitenta e noventa, é a herdeira económica, política e ideológica da URSS, uma das duas superpotências mundiais do pós 2ª Guerra Mundial. A União Soviética foi, por sua vez, a herdeira do Império Russo.

O império dos czares era, na avaliação da maioria dos historiadores, uma das potências mundiais da época (Kennedy, 1989). Bastava-lhe o seu tamanho, que se estendia da Finlândia a Vladivostok⁴, e a sua imensa população de rápido crescimento que era quase três vezes a da Alemanha e quase quatro vezes a da Grã-Bretanha.

Em 1913, a Rússia detinha cerca de 8,2% da produção manufatureira mundial, sendo a quarta maior potência industrial, logo atrás dos EUA, da Alemanha e do Reino Unido, mas à frente de potências como a França, o Império Austro-Húngaro e a Itália. Nas vésperas da I Guerra Mundial, a Rússia possuía o maior efetivo militar naval entre todas as potências, com aproximadamente 1,35 milhões de homens (Kennedy, 1989).

A União Soviética surgiu após os anos de conflito mundial, de revoluções e de guerra civil na década de 1910 e no início da década de 1920. Foi isolada internacionalmente pelas potências ocidentais devido ao carácter potencialmente subversivo do seu regime. O período entre 1914 e 1923 teve um efeito devastador sobre a economia soviética. Em 1920, a produção manufatureira representava apenas

4 Próximo da fronteira com a China e a Coreia do Norte.

12,8% do volume produzido em 1913, e apenas em 1926 a produção conseguiu voltar a equiparar-se aos valores anteriores à guerra (Kennedy, 1989).

No período entre 1913 e 1938 a União Soviética obteve o maior crescimento industrial entre todas as potências. Em 1938, a produção foi 7,5 vezes superior aos números de 1913, como consequência direta dos Planos Quinquenais e da industrialização forçada. A participação soviética na produção manufatureira mundial também aumentou drasticamente: de 5% em 1929, para 17,6% em 1938. No final dos anos trinta, a URSS era a segunda maior potência industrial do mundo, sendo apenas superada pelos EUA (Kennedy, 1989). A rápida modernização da economia permitiu à União Soviética manter investimentos na defesa à altura do contexto de agravamento das tensões internacionais na década de 1930, preparando o país para a iminente guerra mundial. As despesas soviéticas no setor foram equivalentes a US\$ 4,5 bilhões em 1938, sendo apenas superadas pelos gastos da Alemanha nazi.

A URSS, sendo uma das superpotências surgidas no final da II Guerra Mundial, foi parte importante nos arranjos institucionais saídos no pós-1945. A obtenção do assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, com poder de veto, é prova disso. O próprio reconhecimento da estrutura bipolar do sistema internacional na Guerra Fria é uma constatação do protagonismo da URSS durante as décadas seguintes (Quadros, 2011).

Como atrás se demonstra, em diversos momentos do século XX, os vastos recursos económicos, demográficos, políticos e militares, permitiram à entidade antecessora da atual Federação Russa o estatuto de grande potência mundial, o que inviabiliza a caracterização do país como potência emergente.

O declínio da superpotência iniciou-se nos anos oitenta, com o abrandar do crescimento económico russo e o conseqüente aumento do peso dos gastos com a defesa. Em meados dos anos oitenta, a URSS era ainda vista como uma das duas superpotências que controlavam a ordem internacional, apesar do seu evidente declínio económico.

No final dos anos oitenta, perdeu a sua esfera de influência na Europa de Leste e, em 1991, com o colapso da URSS, a Rússia tinha-se “retreated from Europe, living with borders that had hitherto never existed and surrounded by weak states” (Lynch, 2003: p.9).

Nos anos que se seguiram ao colapso da URSS a economia russa caiu para cerca de metade. Os problemas económicos da transição foram exacerbados pelo desemprego, pelo colapso do rublo, pela interrupção das ligações comerciais a regiões da ex-URSS, agora estados independentes e pelo esfriamento das relações com esses estados. A despesa pública contraiu-se drasticamente e a população russa ressentiu-se bastante. A economia atingiu o seu ponto mais baixo em 1994-95, e parecia querer iniciar a recuperação quando foi atingida pelas ondas de choque da crise financeira asiática de 1997-98. Como consequência, a Federação Russa entrou em *default*, deixando de conseguir cumprir com as suas obrigações financeiras internacionais. Já no final da década de noventa, a economia russa parece novamente querer recuperar. A esta recuperação não é alheio nem o aumento substancial dos preços da energia nem a política de substituição de importações, na consequência da queda do rublo.

As dificuldades económicas foram acompanhadas por dificuldades políticas. Os anos imediatamente a seguir ao colapso da URSS foram marcados por relações políticas internas muito instáveis. A lei e a ordem decaíram substancialmente, à medida que as oligarquias se apropriavam de parcelas do estado e as forças de segurança aceitavam trabalhos mais ou menos à margem da lei. A capacidade do estado em cobrar receitas caiu consideravelmente, não só pela enorme contração económica mas também pela sistemática evasão fiscal e pela corrupção, visível em praticamente todos os quadrantes da sociedade. MacFarlane (2006: p.44) afirma: “Russia’s experience during the 1990s was not so much one of emergence as one of confusion, retrenchment and decline.”

A fragilidade interna atribuiu um carácter reativo à diplomacia russa (Quadros, 2011). A Federação Russa teve de adaptar-se à nova ordem internacional pós Guerra-Fria, e encontrar o seu novo posicionamen-

to. Para isso, aderiu a organismos multilaterais como o Banco Mundial e o FMI⁵.

A política externa russa dos anos noventa é incoerente e cheia de contradições. A combinação do caos interno com o declínio internacional durante a presidência de Yeltsin, levou a uma política externa bastante confusa e contraditória. Exemplos disso são as posições assumidas aquando do alargamento da Nato a Leste, e a questão da Sérvia em 1995. Também a posição da Rússia relativamente ao Kosovo em 1999 encerra em si várias contradições⁶.

3. A Evolução Económica e Política Recente da Rússia

A reversão deste contexto de decadência só surgiria no início dos anos 2000. Vladimir Putin assumiu a presidência em 1999 com objetivos claros: estabilizar a situação económica e fazer com que a Rússia retomasse o seu antigo poder. Consolidou o poder executivo, restaurou a ordem, o papel do estado na economia, e limitou a influência das oligarquias, influência que tinha aumentado consideravelmente durante a presidência de Yeltsin. Reforçou o controlo central russo sobre as autoridades regionais e preveniu a perda de parcelas adicionais de território.

Desde os anos 2000, com a ascensão de Putin, o percurso da Rússia é claramente um percurso de reemergência do declínio económico dos anos noventa e de reafirmação da ideologia russa.

Na opinião de Macfarlane (2006: p.43) a Rússia dos anos anteriores “is more properly seen as a state that has recently experienced substantial damage and is attempting to stop the bleeding.”

5 A Rússia aderiu a estas organizações em 1992.

6 A Rússia resistiu igualmente à operação da Nato contra a Sérvia no Kosovo em 1999, para depois servir de mediadora para que o governo jugoslavo aceitasse as exigências da Nato. Posteriormente, e numa atitude clara de desafio para com a NATO, ocupou de forma unilateral o aeroporto de Pristina, para depois, participar na operação de paz, liderada pela NATO, na região.

A centralização económica, política e institucional levada a cabo por Putin, permitiu a recuperação e o crescimento económico. Juntamente com a alta dos preços do petróleo, a Rússia entrou num contexto muito mais favorável que permitiu a recuperação da produção.

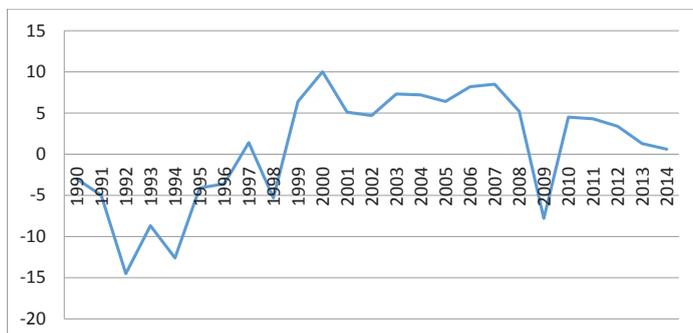
Com a reversão do contexto de decadência e a estabilização política e económica, a política externa russa foi reformulada com o objetivo de recuperar a influência internacional do país. Tornou-se mais autónoma e mais assertiva, e passou a gerar atritos com outros estados, como na situação de oposição de Moscovo à Guerra do Iraque, em 2003, na ameaça de suspensão do fornecimento de gás natural russo à Europa durante parte dos anos 2000, na atuação do país na chamada Guerra de Agosto contra a Geórgia em 2008, na situação de conflito com a Ucrânia e na atual campanha na Síria.

O interesse de Putin centrou-se nas questões internas, em consolidar o crescimento da economia e em centralizar o seu próprio poder interno, removendo outros centros de poder que não o seu.

O ponto de partida para a Rússia atual e para a sua política externa contemporânea foi, na opinião de MacFarlane (2006), o reconhecimento da sua fraqueza, tanto do ponto de vista interno como do ponto de vista externo, quando comparado com o poder hegemónico, representado pelos EUA.

Neste contexto, e mais uma vez, a situação da Rússia contrasta de forma flagrante com a de outras economias caracterizadas como emergentes, nomeadamente a China e a Índia. Estas economias, a par com a assertividade nas relações externas, sempre mantiveram um crescimento económico contínuo, apresentando economias dinâmicas. Esta é portanto, mais uma razão para não se considerar a Rússia como uma economia emergente no sentido tradicional do termo.

Figura 1: Crescimento anual do PIB da Federação Russa (%)



Fonte: Elaborado com base em dados retirados de: <http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP:MKTP.KD.ZG>

Resumindo, a Rússia não é, de todo, uma economia emergente nos anos 1990. É um país mergulhado numa profunda crise económica, política, institucional e até mesmo de identidade. MacFarlane (2006: p.46) refere a este propósito: “The ideational concomitant of internal deterioration and the collapse of the USSR’s and Russia’s international position was a moral crisis within the Russian Federation itself.”

Apesar do crescimento evidente da economia a partir dos anos 2000, a crise de 2008 atingiu em força a Federação Russa. O crescimento do PIB cai mais de 10%, a fuga de capitais é notória, e a queda da procura global tem consequências inevitáveis nas exportações russas e na desaceleração da produção industrial.

Mais recentemente, a economia russa evidenciou um crescimento praticamente nulo: 1,3% em 2013 e apenas 0,6% em 2014.

Tabela 1: Crescimento Real do PIB (em %)

País	2013	2014	2015 ^e	2016 ^p
China	7,7	7,3	6,9	6,7
Rússia	1,3	0,6	-3,8	-0,7
India	6,9	7,3	7,3	7,8

Fonte: Global Economic Prospects, 2016.

e- Estimativas

p- Previsões

As estimativas do Banco Mundial para 2015 indicam que a economia russa caiu 3,8%. Para 2016, as previsões não são animadoras e apontam uma quebra de 0,7%. A excessiva dependência dos preços do petróleo e a atual conjuntura de baixa no preço do barril justificam valores tão baixos de crescimento do PIB.

Comparando com os valores apresentados pela China e pela Índia, a Rússia afasta-se, mais uma vez, da imagem tradicional das economias emergentes: países em franca expansão e com um crescimento rápido. Mesmo com o abrandamento da China, apontada como o catalisador do crescimento mundial dos últimos anos, os valores entre estas economias não são comparáveis. Pelo contrário, a Índia resiste a este abrandamento no crescimento, com o Banco Mundial a prever que cresça 7,8% em 2016.

4. O papel da Rússia na Atual Ordem Económica Internacional

Desde o início que Putin deixou bem claro que a sua visão da identidade russa não era contraditória nem antagónica com a Europa, numa clara alusão à Eurásia. A estratégia de integração na economia mundial de Putin passa pelo reforço das relações económicas e políticas com os países da sua esfera de influência. A prova disso são os acordos que a Rússia tem procurado estabelecer nos últimos anos.

Como forma de reforçar o seu poder regional, a Rússia já tem a sua própria união económica. A União Económica da Eurásia (UEE) entrou em vigor no início de 2015 e dela fazem parte a Rússia, o Cazaquistão, a Bielorrússia, a Arménia e o Quirguistão. Pretende uma integração progressiva das economias dos cinco países, assim como o estabelecimento do comércio livre e a mobilidade dos seus trabalhadores.

A UEE é uma resposta direta à crescente integração europeia dos países que faziam parte da sua esfera de influência. A este propósito, Putin afirmou: "... estamos a criar um centro de gravidade poderoso para o desenvolvimento económico, um mercado regional que une

mais de 170 milhões de pessoas”⁷. Embora esta não seja a primeira tentativa para formar um bloco económico que agilize o comércio entre os países com quem mantém fronteira, esta nova união quer ser mais do que isto. Quer ser uma união política e um sinal de força para o Ocidente. A UEE quer transformar-se gradualmente numa plataforma de cooperação política, militar e humanitária. Apesar de Putin afirmar que este acordo vai levar os países a um novo nível de entendimento e respeito mútuo pela sua soberania, falta ainda a integração do mercado da energia, ponto essencial e nevrálgico nas relações exteriores destes países. A integração do mercado da energia estava inicialmente prevista para 2015, mas os acordos assinados apontam que tal só acontecerá em 2025.

Quem ficou de fora deste entendimento foi a Ucrânia, pelos motivos óbvios.

O conflito mantido com a Ucrânia em 2014 e 2015 e a atual guerra comercial fazem com que a relação entre estes dois países permaneça difícil.

Desde meados de 2014 até Setembro de 2015, altura em que foi assinado o cessar-fogo, o conflito fez mais de 8000 mortes. O papel da Rússia, neste contexto, é uma tentativa óbvia de manter e alargar a sua esfera de influência. Ao apoiar de forma visível os independentistas pró-russos, a Rússia tentou não perder o seu papel de potência regional.

Muito recentemente, no início do ano, a guerra económica entre a Rússia e a Ucrânia conheceu novos desenvolvimentos. No início de Janeiro, Kiev assinou com a UE um acordo de comércio livre⁸, acordo esse adiado durante cerca de um ano no contexto da crise ucraniana e por pressões russas. A resposta da Rússia a este acordo não se fez esperar: no mesmo dia suspendeu o acordo de comércio livre mantido com Kiev e alargou a Kiev o embargo aos produtos alimentares

⁷ Disponível em <http://observador.pt>, acedido a 03/01/2016.

⁸ Acordo Abrangente e Aprofundado de Comércio Livre (DCFTA- Deep and Comprehensive Free Trade Agreement, assinado em Junho de 2014.

que a UE já enfrenta⁹. Estima-se que este novo embargo vá custar cerca de 550 milhões de euros a uma economia ucraniana já fragilizada.

5. A Questão Demográfica

A Rússia caiu num “inverno demográfico” há quase 30 anos. Depois da desintegração da URSS as pessoas perderam a confiança no futuro, o que influenciou o nível da natalidade. A questão demográfica é, a par com outros fatores, mais um elemento de dissociação da visão tradicional que se tem dos países emergentes.

A China e a Índia juntas, detêm um terço da população mundial, ou seja, cerca de 2,5 biliões de habitantes. O potencial desta massa humana é enorme. Em conjunto, podem dominar a Ásia (será que já não o fazem?) e a partir daí, quem sabe onde terminará a sua influência económica.

Ao contrário das restantes economias emergentes, a Rússia não evidencia um crescimento demográfico capaz de sustentar as suas ambições económicas e políticas. Nem possui vastos recursos demográficos, nem os existentes estão em crescimento, o que contraria, uma vez mais, as características habituais dos países emergentes.

A gravidade da questão demográfica russa foi reconhecida pelas autoridades e em 2000 foram tomadas uma série de medidas para incentivar os pais a terem mais do que um filho¹⁰.

É de assinalar que, para além das causas puramente internas, a queda da natalidade na Rússia coincidiu com uma tendência universal. No limiar dos séculos, o número de nascimentos de crianças diminuiu consideravelmente em todos os países desenvolvidos.

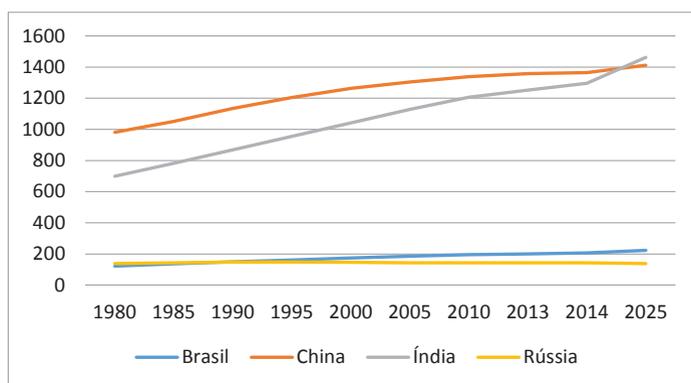
9 Como resposta às sanções económicas contra a Rússia, na sequência da anexação da Crimeia em 2014.

10 Entre várias medidas, foi dado início ao programa “Capital Materno”. Trata-se de um pagamento único, bastante avultado, aquando do nascimento do segundo e mais filhos, que pode ser gasto na aquisição de habitação, na instrução da criança ou na futura reforma da mãe. Ainda no contexto deste programa, foi aumentado o período de tempo em que os pais podem ficar a tratar da criança, sendo este período considerado período laboral para efeitos de reforma e seguro.

O país entra agora no período em que as crianças que nasceram nos “estéreis” anos noventa devem tornar-se pais. Visto que essas crianças foram tão poucas, não se deve esperar um aumento demográfico significativo nos próximos anos.

Segundo as estatísticas, a atual taxa de fertilidade russa é de 1,7. Este valor é baixo, já que para a manutenção da população, cada russa deveria dar à luz pelo menos duas crianças. Se compararmos com a atual taxa de 2,5 apresentada pela Índia, encontramos facilmente mais um elemento de dissociação da abordagem tradicional aos países emergentes.

Figura 2: Evolução da População dos BRIC (em milhões)



Fonte: Elaborado com dados retirados de <http://data.worldbank.org/indicador/SP.POP.TOTL>

O declínio da população russa desde os anos noventa foi caracterizado por muitos como sendo uma crise iminente. Há quem considere que a dimensão da população pode bem vir a ser uma vantagem no longo prazo. Em particular, no que respeita à posição de liderança da Rússia sobre os restantes BRICS no que se relaciona com o nível de vida. Comparando a situação russa com a chinesa, por exemplo, apesar da China ter aumentado bastante o seu rendimento *per capita* desde os anos 2000, a vantagem russa sobre a China aumentou devido ao maior aumento absoluto no seu rendimento *per capita*. Rudra Sil (2014) afirma que, apesar de ser um lugar comum evidenciar o facto de países com menor população terem rendimentos *per capita* mais

elevados e conseguirem mais facilmente converter crescimento em aumentos no rendimento *per capita*, a verdade é que a Rússia parece estar em melhor posição, relativamente aos restantes BRICS, no que diz respeito a impulsionar melhores padrões de vida, sem ter custos de oportunidade significativos relativamente a outros objetivos.

6. A Dependência dos Recursos Naturais Energéticos

Até agora, um dos maiores trunfos estratégicos da Rússia, num mundo com enormes necessidades energéticas, tem sido a sua imensa reserva de hidrocarbonetos.

A Rússia detém as segundas maiores reservas mundiais de gás natural, logo a seguir ao Irão, e possui ainda grandes reservas de petróleo, os dois recursos mais procurados mundialmente.

Tabela 2: Reservas Mundiais de Petróleo e Gás Natural (2014)

	Petróleo		Gás Natural	
	Reservas (mil milhões de barris)	% do total	Reservas (biliões de metros cúbicos)	% do total
Angola	12,7	0,7	*	*
Arábia Saudita	267	15,7	8,2	4,4
Argélia	12,2	0,7	4,5	2,4
Emiratos Árabes Unidos	97,8	5,8	6,1	3,3
EUA	48,5	2,9	9,8	5,2
Irão	157,8	9,3	34,0	18,2
Iraque	150,0	8,8	3,6	1,9
Kuwait	101,5	6,0	1,8	1,0
Líbia	48,4	2,8	1,5	0,8
Nigéria	37,1	2,2	5,1	2,7
Qatar	25,7	1,5	24,5	13,1
Rússia	103,2	6,1	32,6	17,4
Venezuela	298,3	17,5	5,6	3,0

* Os valores de gás natural são irrelevantes.

Fonte: BP, 2015

Em termos energéticos, a Rússia encontra-se numa posição estratégica decisiva já que é o maior fornecedor de gás natural da Europa e das ex-repúblicas soviéticas. O facto de ser um dos maiores produtores e exportadores mundiais de gás natural coloca a Europa sob a sua dependência energética. A prova desta dependência assenta na complicada situação que se verificou nos mercados europeus quando, em 2005 e em 2009, a Rússia decidiu suspender o fornecimento de gás¹¹. Um quarto do gás consumido na Europa provém da Rússia e grande parte deste passa pelos gasodutos ucranianos, ainda da era soviética. Na Alemanha, cerca de 40% do gás consumido provém da Rússia.

Tabela 3: Produção Mundial de Petróleo e Gás Natural (2014)

	Petróleo		Gás Natural	
	Produção (milhares de barris/ dia)	% do total	Produção (milhares de milhão de metros cúbicos)	% do total
Angola	1712	2,0	*	*
Arábia Saudita	11505	12,9	108,2	3,1
Argélia	1525	1,6	83,3	2,4
Emiratos Árabes Unidos	3712	4,0	57,8	1,7
EUA	11644	15,9	728,3	21,4
Irão	3614	4,0	172,6	5,0
Iraque	3285	3,8	1,3	*
Kuwait	3123	3,6	16,4	0,5
Líbia	498	0,6	12,2	0,4
Nigéria	2361	2,7	38,6	1,1
Qatar	1982	2,0	177,2	5,1
Rússia	10838	12,7	578,7	16,7
Venezuela	2719	3,3	28,6	0,8

* Os valores de gás natural são irrelevantes.

Fonte: BP, 2015

Muito frequentemente a Rússia utiliza a estatal Gazprom, a maior produtora e exportadora de gás natural do mundo, para fins políticos. Em 2014, a Gazprom anunciou a suspensão do desconto que tinha prometido à Ucrânia e exigiu o pagamento da dívida dos ucr-

11 A origem desta decisão esteve numa alteração de influência de política regional - a aproximação da Ucrânia à NATO e à UE.

nianos para com a empresa energética. Mais recentemente, no final de 2015, voltou a suspender o fornecimento de gás à Ucrânia. Em causa estão questões contratuais e o atraso do pagamento de fornecimentos anteriores.

Não é muito provável que a Rússia deixe de fornecer gás natural à Europa. Se a Europa é dependente do gás russo, a Rússia é igualmente dependente do fornecimento para a Europa e a maioria das receitas do estado russo provém das vendas de petróleo e gás.

No entanto, nem toda a Europa depende exclusivamente do gás natural russo. A península ibérica e os países nórdicos, como é o caso da Noruega, têm outras fontes de abastecimento. No caso português, uma parte do gás natural que o nosso país importa vem da Argélia, no Magrebe, entrando na Península Ibérica através do Sul de Espanha. Outra parte relevante do gás que Portugal importa, provém da Nigéria e chega a Portugal através do terminal de gás liquefeito no porto de Sines.

É precisamente na Ucrânia que a estatal russa Gazprom tem enfrentado sérias disputas, já que grande parte das exportações russas de gás passam pela Ucrânia. A Rússia, apesar da atual crise com a Ucrânia, tem todo o interesse em manter a dependência europeia, não apenas por razões políticas que lhe permitem exercer pressão sobre os países europeus, mas também pelo facto de grande parte das receitas da Gazprom provirem de ligações que atravessam a Ucrânia. Estas razões justificam o facto da Rússia ter investido na construção do gasoduto Nord Stream que contorna a Ucrânia e permite a continuação do fornecimento de gás natural à Europa Ocidental.

Desde 2009 que a Europa tem tentado reduzir a sua vulnerabilidade a uma nova crise de gás russo com a Ucrânia pelo meio. A entrada em funcionamento do Nord Stream, de novos terminais e o acréscimo de compras de gás liquefeito que chegam por mar, atenuaram a dependência da Europa em relação à passagem da energia russa pela Ucrânia. No entanto, nem todas as incertezas estão resolvidas.

Toda a estratégia energética russa, após o colapso da URSS, tem sido no sentido de exercer a sua influência política nas ex-repúblicas soviéticas (Almeida, 2011). Tal era o que acontecia na Ucrânia antes da Revolução Laranja: recebia o gás natural russo a preços reduzidos. Após a revolução Laranja e o aproximar da Ucrânia ao Ocidente, a Rússia passou a exigir preços de mercado à Ucrânia, o que se traduziu num enorme aumento dos preços.

Esta “diplomacia do tubo” revela-se assim uma das grandes mais-valias do atual poder russo, e um dos melhores instrumentos de poder económico e político sobre toda a Europa, com especial incidência no leste europeu.

Se a Rússia é considerada uma potência reemergente, deve-o em grande parte a esta vantagem energética que lhe permite ter uma influência regional decisiva.

Segundo Jérôme Guillet (2008), a classificação do país enquanto potência emergente ou reemergente advém, precisamente, desta riqueza, e em particular do facto de ser o maior exportador de gás natural.

As perspetivas para 2016 não são animadoras. A crise no preço do petróleo afasta a perspetiva de recuperação da economia russa.

Logo nos primeiros dias do ano, o preço do petróleo desceu para menos de 30 dólares o barril, metade do valor verificado seis meses antes, e um terço do verificado 15 meses antes. Perante um colapso nos preços desta dimensão, os países produtores, nos quais se inclui a Rússia, vivem dificuldades económicas graves. O atual mercado petrolífero, marcado pelo excesso de oferta, é dominado pelos três maiores produtores mundiais – Arábia Saudita, Estados Unidos e Rússia – que com os seus 34 milhões de barris de petróleo produzidos diariamente, controlam o que acontece no mercado petrolífero¹².

¹² A OPEP já não funciona como um cartel eficaz, com o poder que tinha, devido a divisões importantes. Há um conflito latente entre o Irão e a Arábia Saudita, com ambos os países a procurarem uma maior influência geopolítica na região.

Com a queda dos preços do petróleo, a Rússia, assim como outros produtores, teve que recorrer às suas reservas financeiras para amortecer o impacto no orçamento público. Os cortes orçamentais e a intervenção governamental verificam-se desde 2014 e acentuaram-se agora no início de 2016. O Banco Central russo ameaçou subir as taxas de juros como forma de sustentar o rublo, tentando assim manter a inflação controlada. As estimativas apontam no sentido de que por cada dólar que o preço do petróleo cai, o estado russo perde o equivalente a 2 mil milhões de dólares de receita anual. Tal verifica-se porque mais de metade das receitas públicas vêm da venda de petróleo. Estima-se igualmente que mais de 70% das exportações do país vêm do petróleo (Caetano, 2016).

7. As Relações Rússia-China

As relações entre a Rússia e a China estão atualmente numa fase extremamente positiva.

Em finais de 2014, no meio de uma situação financeira bastante complicada e enquanto Putin tentava fortalecer o rublo sem esgotar as reservas cambiais do país, a China ofereceu apoio à Rússia para superar as suas dificuldades económicas. Entre as medidas levadas a cabo, estiveram ações como o aumento das operações de swap cambial (troca de moeda) entre os dois países e uma maior utilização do yuan no comércio bilateral.

Os dois países assinaram em Outubro de 2014, uma linha de swap cambial (um contrato de troca de dívidas), a 3 anos, de 150 mil milhões de yuans (cerca de 19,6 mil milhões de euros), um contrato que poderá ser expandido no futuro. A China está a promover o yuan como uma alternativa ao dólar americano no comércio e finanças mundiais e o Banco Central chinês assinou acordos de swap com outros 28 bancos centrais para incentivar essa mudança. As reservas cambiais da China, de 3,89 biliões de euros, são as maiores do mundo.

A China acredita que a extensão do *swap* cambial entre as duas nações e a utilização crescente da dívida chinesa para o comércio bilateral terão um grande impacto na economia russa.

Os investimentos chineses na economia russa iniciaram-se de forma visível em 2009 e, em 2014, a Rússia ocupava já a sexta posição como mercado de destino do investimento chinês no exterior. As perspectivas para a cooperação económica entre os dois mercados são bastante positivas. Espera-se que os investimentos chineses na Rússia possam duplicar nos próximos cinco anos, alcançando os 10 biliões USD\$.

Durante o ano de 2015, no seguimento do reforço das relações de cooperação económica e financeira, os dois países duplicaram as transações comerciais nas respetivas moedas nacionais.

No contexto da União Económica da Eurásia, a Rússia e a China caminham no sentido da formação de uma parceria continental. O projeto de integração com a China tem como objetivo reavivar uma antiga rota de comércio chinesa e construir um corredor de transporte, energia e comércio entre a Europa e a Ásia.

A China, apesar do abrandamento recente no crescimento económico, continua a ser um país em franco desenvolvimento. Nos últimos anos, em particular na última década, a Rússia parece ter sentido a necessidade de procurar novos parceiros no exterior, novos aliados, para poder novamente conquistar o seu espaço no mercado internacional. Os russos apostaram no fortalecimento das relações com os BRICS e em particular com a China, o que tornará tanto a Rússia como a China não apenas em potências regionais, mas em verdadeiras potências globais.

A cooperação estratégica entre os dois países não se fica pelas questões meramente económicas, alargando-se igualmente a questões militares.

8. Conclusão

Pelo que foi exposto atrás, parece claro que a Rússia não é, de todo, uma economia emergente. Muitas das características normalmente apontadas às economias emergentes não estão presentes no recente percurso russo.

A Federação Russa é hoje um país que tenta ainda reemergir do declínio dos anos noventa. O presidente russo, Vladimir Putin, é a figura-chave deste reemergir. O seu objetivo é fazer com que a Rússia retome o seu antigo poder económico e político, reafirmando a ideologia e identidade russas.

A Rússia atual está muito longe da vitalidade económica da China ou da Índia, e mais longe ainda da sua capacidade demográfica. É portanto muito diferente destas duas economias emergentes. Mas será que as referidas economias emergentes asiáticas são de facto *emergentes*?

Após um crescimento quase nulo em 2014, as estimativas indicam que a quebra no crescimento foi de 3,8% em 2015. As tensões com a Ucrânia, as sanções impostas pela Europa e pelo Ocidente, a queda acentuada no preço do petróleo, juntamente com a depreciação do rublo e um aumento nas despesas públicas, tornaram a situação económica bastante preocupante. E 2016 não começou melhor, com a quebra acentuada nos preços do petróleo.

O país detém no entanto uma grande capacidade militar, exerce uma forte influência política e militar regional, e tem um papel crescente nos fóruns internacionais.

A apetência pelo poder multipolar, manifestada nos anos 2000, parece ter desaparecido, como consequência de relações complexas com o poder hegemónico dos EUA, de questões de poder regional e de problemas específicos com a UE.

Se a Rússia é considerada uma potência reemergente deve-o, em grande parte, à sua enorme vantagem energética que lhe permite

manter uma esfera de influência regional decisiva. Esta vantagem, apesar das crescentes inimizades regionais na sua esfera de atuação, aliada à relevância política e ao crescente protagonismo internacional assumido através dos BRICS, colocam a Rússia numa posição seguramente mais sólida do que tinha nos anos noventa e numa verdadeira posição reemergente.

Assim, e segundo Almeida (2011), quando se fala numa reemergência da Rússia, apesar da dualidade no seu desenvolvimento e poder, fala-se de uma reemergência por duas ordens de razões: a primeira é a sua extrema importância ao nível energético, sobretudo em relação à Europa e em particular à Europa de leste. A segunda razão prende-se com a sua aproximação a países como a China, a Índia e até mesmo o Brasil, estes sim, considerados como economias emergentes e integrantes dos BRICS. Mesmo estando longe das principais características dos grandes mercados emergentes, a verdade é que a Rússia tem todo o interesse em associar-se a eles, pois dificilmente conseguirá sozinha competir e resistir à influência dos EUA no mundo, e manter a sua esfera de influência, atualmente apenas de âmbito regional, muito longe do papel de superpotência desempenhado na Guerra Fria.

Bibliografia:

Almeida, Miguel B. G. (2011). “A ascensão dos BRICS: o fim do momento unipolar?”. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Universidade Nova de Lisboa.

Aron, Raymond (2002). *Paz e guerra entre as nações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais.

Banco Mundial (2011). *How we Classify Countries*, disponível em: <http://data.worldbank.org/about/country-classifications>. Acedido em 22/12/2015.

Banco Mundial (2016). *Global Economic Prospects*.

BP (2015). *Statistical Review of World Energy*.

Caetano, Edgar (2016). “Petróleo. Quem irá pestanejar primeiro: Putin ou Arábia Saudita? Disponível em <http://observador.pt/especiais/petróleo>. Acedido em 15/01/2016.

Daehnhardt, P. (2014). “A Crise na Ucrânia: A Mudança Alemã, Eleições na Alemanha”. Occasional Paper n.57. IPRI-UNL, Instituto Português de Relações Internacionais, Universidade Nova de Lisboa.

Donno, D., Rudra, N. (2014). “To Fear or Not to Fear? BRICs and the Developing World”, *International Studies Review*, 16, 447-452.

Fânzeres, José Manuel (2014). “Geopolítica e Geoestratégia da Federação Russa: A Força da Vontade, a Arte do Possível”. Lisboa: *Idn cadernos*, nº 14, Instituto de Defesa Nacional.

Guillet, J. (2008). “La Russie: émergente ou réémergente?”. in *L´enjeu mondial: les pays émergents*, Presses de Sciences Po-L´Express, Paris, 147-161.

Kennedy, Paul (1989). *Ascensão e queda das grandes potências*. Rio de Janeiro: Campus.

Leal, Catarina Mendes, (2007). “Gás Natural no Século XXI: Uma Visão Geoeconómica”. Departamento de Prospectiva e Planeamento e Relações Internacionais. Lisboa: *Da Sphera*.

Lynch, Dov (2003). “Russia faces Europe”. *Chaillot Paper*, n.80, p.9, Paris: EUISS.

MacFarlane, Neil (2006). “The `R` in BRICs: is Russia an Emerging Power?”. *International Affairs*, vol. 82, n.1, p.41-57.

Mankoff, Jeffrey (2009). *Russian foreign policy: the return of great power politics*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.

Mansfield, Edward D. (2014). “Rising Powers in The Global Economy: Issues and Questions”. *International Studies Review*, 16, 437-466.

Nye Jr., Joseph (1990). *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*. New York: Basic Books.

OPEC (2014). *Annual Statistical Bulletin*.

Pinto E., Gonçalves R. (2013). *Transformações globais, poder efetivo e o protagonismo da China*. Textos para Discussão 017/2013, Instituto de Economia, UFRJ.

Quadros, Bruno (2011). “A Rússia como poder reemergente no século XXI: uma problematização do conceito de *emergente* em perspectiva histórica”. 3º Encontro Nacional ABRI.

Sil, Rudra (2014). “Which of the BRICs Will Wield the most Influence in Twenty-Five Years? Russia Reconsidered”. *International Studies Review*, 16, 456-460.

The Economist (2006). “The New Titans”. 14 September, Disponível em <http://www.economist.com/note>. Acedido em 17/01/2015.

Tierney, Michael J. (2014). “Rising Powers and the Regime for Development Finance”. *International Studies Review*, 16, 452-455.